

Ensino de História

– Desafios Contemporâneos –

Véra Lucia Maciel Barroso
Nilton Mullet Pereira
Maria Aparecida Bergamaschi
Sirlei Teresinha Gedoz
Enrique Serra Padrós

ORGANIZADORES

Ensino de História

– Desafios Contemporâneos –

Véra Lucia Maciel Barroso
Nilton Mullet Pereira
Maria Aparecida Bergamaschi
Sirlei Teresinha Gedoz
Enrique Serra Padrós
ORGANIZADORES

Ensino de História

– Desafios Contemporâneos –

EST
EDIÇÕES

Exclamação 


anpuhrs

Porto Alegre
2010

© dos autores - 1ª edição: 2010

Direitos reservados desta edição: GT Ensino de História e Educação - ANPUH/RS

Revisão

Os organizadores

Revisão linguística

Maria Lucia Mesquita Prestes

Correção da digitação:

Edna Ribeiro de Ávila

Produção gráfica

Exclamação - (51) 3339.0712

www.exclamacao.com

Impressão

Evangraf - (51) 3336.2466

www.evangraf.com.br

E598 Ensino de história: desafios contemporâneos / org.
Véra Lucia Maciel Barroso... [et al.]. – Porto Alegre:
EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010.
296 p
ISBN 978-85-62141-14-0

1. História 2. Ensino 3. Educação 4. Formação de
professores. I. Barroso, Véra Lucia Maciel II. Pereira, Nilton
Mullet III. Bergamaschi, Maria Aparecida IV. Gedoz, Sirlei V.
Padrós, Enrique Serra. Associação Nacional de História
– ANPUH/RS

CDU-930.1:37

Bibliotecária: Sandra Gueths Feldmann - CRB 10/789

Edições EST

Rua Veríssimo Rosa, 311 - CEP 90610-280 - Porto Alegre - RS

Fone/Fax: (51) 3336.1166 - Email: vendas@esteditora.com.br



Abordagem temática no Ensino da História

Nilton Mullet Pereira
Cleusa Maria Gomes Graebin

1 A teoria

Na obra *Teses sobre a história*, publicada após sua morte, em 1940, Walter Benjamin advogava a construção de uma narrativa histórica, na qual fatos pertencentes a temporalidades diversas pudessem ser relacionados por elementos comparáveis. O autor fazia uma crítica à historiografia positivista que apresentava a história da humanidade como uma marcha evolutiva para o progresso, em sequência temporal linear.

Benjamin apontava para uma perspectiva histórica que trabalhasse com analogias, relacionando o passado e o momento em que ele é reconhecido, construindo uma narrativa na qual os eventos, em vez de encadear-se numa sucessão cronológica, relacionam-se através de elementos comuns. Na tese 14, o autor afirmava que a História “é objeto de uma construção cujo lugar não é tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras”.²⁵⁹

Para Benjamin, portanto, não havia sentido em uma narrativa histórica que seguisse uma perspectiva cronológica, tomando como ponto de partida que se poderia recuperar o passado em sua totalidade e como ele efetivamente acontecera. O passado para Benjamin era irrecuperável. Para ele, “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”.²⁶⁰ Esse reconhecimento só se faz possível no momento em que um dado do passado revele ao tempo presente elementos através dos quais ele possa pensar sobre si próprio: é aí que um evento passado torna-se fato histórico. A articulação entre os fatos em uma sequência sucessiva de causa e efeito deixa de ter sentido: “nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma

259 BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 229. v.1. Obras escolhidas.

260 BENJAMIN, op. cit, p. 224.

em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios”.²⁶¹

Marc Bloch afirmava que,

[...] na verdade, conscientemente ou não, é sempre com as nossas experiências quotidianas que, para as diferenciar, ali onde deve ser, novas aparências, damos, em última análise, os elementos que nos servem para reconstituir o passado: os próprios nomes que usamos a fim de caracterizar os estados de alma desaparecidos, as formas sociais extintas que significado teriam para nós se tivéssemos primeiramente visto o modo de viver dos homens?²⁶²

Há, portanto, uma intervenção do historiador, das suas determinações e da teoria em função da qual foi operada, dos critérios a partir dos quais seleciona os acontecimentos, dando-lhes estrutura interna, definindo seus limites temporais e espaciais, interpretando-os e inserindo-os em um conjunto mais vasto.²⁶³

Os historiadores não podem recuperar o passado tal como ele aconteceu. É impossível reproduzir os acontecimentos, tendo em vista a sua complexidade. Recuperam, sim, fragmentos do passado; captam instantes que correspondem a um *insight*, e, muitas vezes, é o seu sentido modificado que chega até o historiador. Isso porque o passado não se oferece ao historiador senão na forma do relato histórico ou de memória. Ou seja, o passado é apreendido apenas na abstração, ele não é a História; esta apenas ousa descrever o passado às novas gerações, sempre, inexoravelmente, segundo as disposições políticas e os instrumentos teóricos disponíveis no momento presente.

Le Goff realizou, a partir da leitura de Paul Zumthor sobre as novas relações entre documento e monumento, uma extensa e consistente crítica, supondo que todo o documento deve ser considerado um monumento, no sentido de que tal consideração implica que é a utilização do documento pelo poder que o transforma em monumento. Então, o documento não é simplesmente algo que “fica por conta do passado”, mas é resultado das relações de forças da sociedade que o fabricou. Dessa forma, o trabalho do historiador não se resume mais a uma submissão ao documento, senão que se constitui num trabalho de agrupamento, seleção e interpretação dos documentos, construção definida pelo historiador no seu tempo, no seu presente.

261 BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 224. v.1. Obras escolhidas.

262 BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Europa América, 1997. p. 100-101.

263 Sobre esta questão ver: SCHAFF, Adam. *História e verdade*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda pelo silêncio.²⁶⁴

Pois bem, é a partir dos indícios do passado – os documentos e os testemunhos –, que o historiador constrói um fato. Assim, o fato histórico é uma construção intelectual, elaborada a partir de elementos que o passado fornece. Um novo indício pode alterá-lo, assim como questões diferentes feitas a fontes já exploradas podem dar um novo sentido para um mesmo acontecimento.

O centro do conhecimento histórico não é o fato em si, mas a rede de significados que se constrói em torno dele. Nesse caso, o historiador trata os fatos históricos como elementos de sustentação para as explicações²⁶⁵ que pode tecer em torno deles. Não é sua preocupação formar um elenco de acontecimentos amarrados por uma linha de tempo que comporta mais a memorização do que a reflexão. O que o historiador busca é entender o evento ou buscar o seu significado, comparando-o com outros eventos em outros tempos e lugares; estabelecer relações entre dois ou mais momentos da História; trabalhar com conceitos; e compreender a dinâmica de causas e efeitos que percorrem os acontecimentos.

Com isso o historiador não despreza, simplesmente, a cronologia. Opta por outras concepções do tempo e da duração em História e entende a cronologia como Le Goff, que a vê como “um conjunto de referências que sem dúvida deve ser enriquecido, flexibilizado, modernizado, mas que permanece fundamental para o próprio historiador”.²⁶⁶

2 Ensinar História

Historiador e professor de História, hoje, deixaram de olhar para a diversidade da vida humana a partir do olho europeu e iluminista. A África deixou de ser apenas matéria da Antropologia e se tornou um tema de estudo da História. O continente e o povo africano passam a ter uma história original e singular, antes e depois da conquista europeia e não apenas ligada ou referida a esta.

264 LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 537.

265 Não estamos referindo-nos a um modelo de explicação. Reconhecemos que esses modelos não dão conta da diversidade das ações humanas. Eles criam uma lógica de explicação e, em seguida, tentam enquadrar os acontecimentos dentro dessa lógica.

266 LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 8.

Historiador e professor de História, hoje, deixaram de olhar para a diversidade da vida humana a partir do olho europeu e iluminista. Como exemplo, temos o continente e o povo africano, que passam a ter história original e singular, antes e depois da conquista europeia e não ligada ou referida a esta. Novos temas e abordagens estão levando o ensino de História a abandonar o tom cristalizado, naturalizado, de determinados objetos, evidenciando que até nossas mais fortes crenças, que pareciam ter nascido conosco, têm uma história, um começo, às vezes perverso, de violência, de dizimação e de aculturação.

O professor de História preocupa-se, então, em ensinar um acúmulo de originalidades, de modos de vida que, por vezes, se encontram, se estranham, se combinam e criam novos modos, novas crenças. Nesse sentido, os estudantes são levados a contemplar o espetáculo da diferença alheia. Conhecer o outro ensina muito sobre nós mesmos. Aprender a história dos outros é entender um pouco sobre o que somos e, sobretudo, acumular experiências diversas. O ensino de História deixou de ser um julgamento do passado, pois a sala de aula não é mais um tribunal que julga as experiências do Outro a partir das suas próprias referências.

Os pressupostos que acabamos de explicitar impõem aos professores de História um importante problema: como levar os estudantes a perceberem os vínculos entre a História que lhes é ensinada, sua realidade histórica e/ou sua situação no tempo presente, considerando o tempo histórico como um acúmulo de diferenças? Esse problema decorre de uma inquietação que tem sido recorrente na atividade de professores e pesquisadores, que se resume na discussão dos objetivos sociais do ensino de História. Ou seja, na consecução dos objetivos históricos do ensino dessa disciplina, qual seja o de fazer do ensino um espaço de construção de uma subjetividade cidadã. Desde as fartas discussões dos anos 1980 até os dias atuais, professores e pesquisadores da área do ensino têm colocado repetidamente a necessidade de construir na sala de aula de História, desde os anos finais do Ensino Fundamental, um espaço no qual a História possa ser o instrumento da ação social; um instrumento capaz de equipar as novas gerações com as ferramentas para ler as representações que circulam na sociedade do momento presente e que circularam no passado. Em uma palavra, fazer do ensino de História um campo de constituição de subjetividades capazes de pensar historicamente as coisas do mundo e de pensar o Outro sem aprisioná-lo no interior de nossas referências. Escrever e ensinar História é mergulhar todas as nossas crenças, todos os objetos de que nos ocupamos, todos os tipos de governo, todas as ideias políticas, no campo volátil e conflituoso da cultura.

Pois bem, a partir de agora queremos dar solução a pelo menos metade do problema proposto, ou seja — o de levar às novas gerações a pensar

historicamente. Esse engenho supõe pensar os vínculos entre a História ensinada, a realidade histórica e/ou as urgências do presente. Nesse sentido, gostaríamos de argumentar sobre o papel que a abordagem temática do ensino de História pode exercer na tentativa de dar luz ao problema.

Apontamos, entre tantas, a título de exemplo, algumas investigações suscitadas a partir de propostas curriculares de ensino de História por eixos temáticos entre os anos 1990-2000.

Fonseca²⁶⁷ considera o ensino por eixos temáticos umas das propostas mais renovadoras para o ensino da História na Educação Básica, inicialmente, com experiências pontuais em Minas Gerais e São Paulo, desenvolvidas por professores e/ou por projetos em universidades e escolas isoladas. Como programa curricular, São Paulo foi o primeiro Estado a propor a adoção da História Temática (anos 1980). A adoção desse programa causou dúvidas entre os professores, os quais precisavam abandonar a História linear, balizada por meio de marcos cronológicos (RICCI, 2004).²⁶⁸ Oliva²⁶⁹ afirma que

[...] apesar da experiência paulista dos anos 1980, é a partir de 1995 que encontramos uma presença mais marcante dos referenciais da História Nova nos livros didáticos e nas salas de aula, chamada aí de História Temática. Não se pode negar os efeitos positivos dessas influências. Uma série de atividades pedagógicas, envolvendo abordagens diversificadas da História, associadas à escrita de novos manuais e reedições dos que já circulavam por algum tempo, informavam os novos rumos tomados pelo ensino da disciplina. Porém, e apesar dos esforços, existem lacunas e problemas de certa relevância no debate que se montou acerca da adoção do ensino temático no Brasil.

Finalmente, Cassiano²⁷⁰ mostra que, entre os livros de História recebidos pelas instituições escolares públicas de São Paulo, a coleção *História Temática* se encontrava em primeiro lugar entre as escolhidas pelos professores paulistanos.

Apesar de experiências exitosas, da reflexão, discussão e pesquisas nos cursos de formação de professores de História, da multiplicação de ofertas

267 FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas: Papirus, 1995.

268 RICCI, Claudia Sapag. Quando os discursos não se encontram: imaginário do professor de História e a reforma curricular dos anos 80 em São Paulo. *Revista brasileira de História*, vol. 18, n. 36, São Paulo, 1998.

269 OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos afro-asiáticos*, v. 25, n.3, p. 421-461. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eaa/v25n3/a03v25n3.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2010.

270 CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de História e suas implicações curriculares. *História*, v. 23, n.1-2, p. 33-48. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v23n1-2/a03v2312.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2010.

de formação continuada e da literatura disponível, ainda persiste a resistência de boa parte dos docentes à História Temática.

Ensinar a partir da abordagem da História Temática significa principalmente pensar o ensino de História como decorrência das urgências do presente. O tema selecionado para o ensino é o efeito de um problema que se apresenta na atualidade do estudante, que faz irromper o drama de decifrar, através do “ofício do historiador”, as questões que se apresentam na vida vivida dos alunos. Escolher temas para ensinar História significa selecionar problemas no presente e pensar o passado a partir das fronteiras temáticas estabelecidas, pensadas e exigidas pelas urgências do tempo presente.

Há muito que os historiadores – nesse sentido o trabalho de Michel Foucault²⁷¹ teve um papel importante – abandonaram a ideia de que os temas de que se ocupam decorrem de uma necessidade imposta pelo passado; ou de uma disposição que preexiste ao trabalho do historiador. É o presente que estabelece o que deve ser ensinado sobre o passado. Nesse sentido, a História Temática se volta sobre o presente para compreender o passado e, ao mesmo tempo, se utiliza do passado para dar novos contornos aos problemas do presente.

A História Temática não propõe que os problemas da atualidade do estudante na sala de aula implique abandonar o passado como objetivo privilegiado da disciplina História, mas supõe que o estudante poderá olhar para o seu tempo como resultado das injunções políticas que se deram no passado e como uma das alternativas que, em função de um intrincado jogo de forças, superou outras possibilidades, estabelecendo-se como o solo predominante a partir do qual hoje produzimos nossos modos de vida.²⁷² A escrita e o ensino da História são formas de política, na medida em que o objetivo de quem escreve e de quem ensina o passado diz respeito às lutas políticas das sociedades do seu tempo. Do ponto de vista do ensino de História, ensinar a ler e a escrever é instrumentalizar os estudantes a participarem das interações políticas do seu tempo.²⁷³

Assim, um dos pressupostos fundamentais que estamos argumentando desde o início é o de que a História como narrativa não pretende reviver os eventos que narra; não se trata de reencontrar o passado desde um método seguro de investigação histórica, nem mesmo quer dizer oferecer aos estudantes da Educação Básica uma representação aproximada do que ocorreu

271 FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

272 PEREIRA, Nilton. O ensino de História e o presente. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 151-166, jan./jun. 2007.

273 PEREIRA, Nilton; SEFFNER, Fernando. Ler e escrever em História. In: PEREIRA, Nilton Mullet et al. *Ler e Escrever*: compromisso no Ensino Médio. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

no tempo anterior. Nosso pressuposto é o de que passado e História²⁷⁴ possuem naturezas diversas, enquanto o primeiro não é senão o objeto de estudo dos historiadores, visível por vestígios, rastros deixados pelas gerações anteriores; o segundo é um discurso construído no interior das fronteiras das lutas sociais e políticas do presente, fazendo com que a seleção de temas se dê no interior das disputas políticas do presente. O relato histórico é aquele que do presente pergunta e interpreta o passado, distante e intocável, senão através do discurso.

Ensinar História é problematizar, através de temas, o presente e o passado, e isso quer dizer escrever o passado, de modo que este seja também diferença em relação ao presente. Na perspectiva a partir da qual escrevemos e pensamos, o estudo das experiências dos homens do passado pode bem permitir marcar sua diferença em relação ao que somos hoje, deixando de mostrar o passado na linha evolutiva que lhe faz ser menos verdadeiro do que as disposições da atualidade. Desse modo, o presente tanto se mostra como diferença – e nesse sentido ele é objeto de interesse dos historiadores e dos professores de História – quanto como produto das injunções políticas de determinada temporalidade que passou. Essa dupla visão do presente permite aos estudantes compreender como se constrói o conhecimento histórico e quais as circunstâncias que limitam a sua experiência da realidade atual, o que tem como consequência o pensar historicamente.

A História é, assim, “a arte de inventar o passado”,²⁷⁵ isto é, tematizar o passado, seguindo os passos das urgências do presente. A partir dessa perspectiva, ensinar História a partir de temas quer dizer recortar conceitos, selecionar problemas e traçar o jogo das continuidades e descontinuidades. Pensar o presente como História permite aos estudantes pensar sua realidade historicamente. Isso significa desenvolver um olhar genealógico para o tempo atual. Conseguir ver os jogos de forças que no passado deram lugar às questões que se apresentam no presente. Pensar historicamente, então, significa ler as urgências do presente nas suas conexões com o passado. Mas é mais do que isso. Quer dizer também pensar o presente a partir da diferença do passado. Pois que é isso o que permite considerar os problemas e as soluções do passado como exemplos de experiências que ajudam a criar novas soluções para as problemáticas do nosso tempo. Logo, a experiência alheia se torna estímulo para pensar, ela leva os alunos a provarem um pouco de experiências estranhas, pouco plausíveis e, inclusive, incompreensíveis aos padrões da sua própria experiência. É desse modo que, em primeiro lugar,

274 JENKINS, Keith. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.

275 ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

permitiremos que o estudante consiga revelar níveis cada vez mais altos de abstração em termos de noções temporais e espaciais; em segundo, lhe oferecemos um mundo diverso, plural e, por que não, caótico, pronto para ser um conjunto infinito de experiências de vida a serem compartilhadas num espaço sem limites.

Enfim, pensar historicamente quer dizer transformar o “presente vivido” em reflexão histórica, tal como ensinou Marc Bloch.²⁷⁶ O objetivo central da História Temática é levar a cabo essa transformação.

3 História Temática e ensino

É exatamente essa perspectiva que se encontra na proposta temática de ensino de História, numa abordagem cronológica descontínua²⁷⁷ que favorece a identificação e o aprofundamento dos momentos mais significativos do processo histórico da humanidade e a própria problematização do saber histórico, sem menosprezar o reforço da localização espaço-temporal e do conhecimento dos fatos históricos.

A noção de História de longa duração permite ao historiador compreender um fenômeno na sua extensão, no tempo, rompendo com as barreiras temporais e, sobretudo, com as classificações cronológicas tradicionais. A História Temática tende para a longa duração, na medida em que recorta o tempo, em função de um conceito ou de um fenômeno que se constitui como um problema no presente, o qual afeta nossa civilização, e sua explicação não pode reduzir-se ao espaço da sua ocorrência. Entretanto, o conceito escolhido nunca poderá reconhecer-se como singular em cada contexto determinado. Eis um dos modos mais ricos para ensinar aos estudantes as mutações e as permanências em História.

Na abordagem temática, valoriza-se a multiplicidade do objeto histórico através do estudo da política, da sociedade, da cultura, da arte, da mentalidade e da economia, a partir da escolha de um tema (como, por exemplo, terra, trabalho, cultura, etc.). O estudo desse tema se faz em uma pesquisa que busca retomar seus significados e suas manifestações em diferentes realidades históricas, comparando-as em suas especificidades e semelhanças. Com esse estudo analógico, cria-se a possibilidade de compreender o tema

276 BLOCH, Marc. *O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

277 Conforme Le Goff: “Quanto à questão da cronologia tradicional; demolir a ideia de um tempo único, homogêneo e linear. Construir conceitos operacionais dos diversos tempos de uma sociedade histórica – com base no modelo da multiplicidade dos tempos sociais [...] Construir uma nova cronologia científica que data os fenômenos históricos muito mais segundo a duração da sua eficácia na história, do que segundo a data de sua produção. Isso vale tanto para fenômenos materiais, quanto espirituais.” LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 54-55.

estudado dentro da realidade atual e, com isso, de compreender a própria especificidade histórica dessa realidade. Os temas indicam, também, que os conteúdos não se esgotam nas informações contidas nos levantamentos efetuados pela pesquisa, mas estão em aberto, possibilitando novas abordagens e reflexões. Além do mais, o tema sugere uma história genealógica, na medida em que permite ao historiador encontrar o começo da manifestação de uma determinada temática, e debruçar-se sobre uma história do seu tempo, permitindo uma crítica da sua própria realidade. A pergunta da pesquisa consiste em querer saber não das nossas origens, mas das relações sociais e de poder que constituíram a realidade vivida do estudante.

A proposta temática de ensino insere-se no contexto de aproximação da História com as demais Ciências Sociais. Daí que tome os conceitos como núcleo de estudo e recorra a uma teoria geral explicativa para orientar a análise desses conceitos por exemplos históricos. Recorre à noção de tempo e de cronologia para a comparação dos diferentes exemplos históricos e propõe um tratamento sistemático dos conceitos históricos, vinculando-os à abordagem das Ciências Sociais.

Miceli indica que, de uma parte, ao repensar a História, deve-se refletir sobre o sentido próprio do conhecimento, o que implica não só eleição de novos fatos, mas uma nova relação com eles. Nessa medida, nenhum tema possui, em si, uma carga maior ou menor de historicidade; é a relação que com ele estabelece quem o trabalha que pode ou não fazer dele um tema histórico. De outra parte, deve-se desmontar “o acontecimento pronto e acabado, que sempre compõe uma imagem que ambiciona abranger a totalidade do processo”, este, por sua vez, “deve ser decomposto para denunciar aos espectadores o arbítrio de sua construção”.²⁷⁸

O ensino de História por temas requer cuidados específicos com a escolha dos métodos.

O estudo de temas articulado à apropriação de conceitos ocorre por intermédio de métodos oriundos das investigações históricas, desenvolvendo a capacidade de extrair informações das diversas fontes documentais tais como textos escritos, iconográficos, musicais. [...] Torna-se necessário escolher métodos que auxiliem a capacidade de relativizar as próprias ações e as de outras pessoas no tempo e no espaço.²⁷⁹

278 MICELI, Paulo. Por outras histórias do Brasil. In: PINSKY, Jaime (Org.). *O ensino de história e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 1988. p. 34.

279 BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2010. Ver também: FELGUEIRAS, Margarida Louro. *Pensar a história, repensar o seu ensino*. Porto: Porto Ed., 1994.

Dessa maneira, trabalhar com temas implica defini-los com base no conhecimento de conjunturas específicas de periodização que lhes seja conforme e com fontes pertinentes com a problemática e a época. É preciso identificá-los em épocas diversas, de forma comparada e a partir de diferentes fontes e linguagens, para que sejam explicitadas as semelhanças, diferenças, mudanças e permanências existentes no processo histórico. Significa trabalhar com as experiências cotidianas, que podem ser resgatadas por vários ângulos – no caso, eixos-temáticos – que, partindo do presente, vivenciado, refletido e sistematizado, buscam a apreensão de outras realidades no tempo e no espaço, também a partir de um referencial que redimensiona a relação com o passado histórico.

A História Temática é uma opção que se justifica, mediante a impossibilidade de trabalhar-se a totalidade dos estudos históricos e a crítica constante de que o ensino de História necessita superar a visão de linearidade e apresentar-se como uma metodologia que relacione vida-informação-construção de conhecimentos.

A abordagem por temas está ancorada numa concepção de História como estudo das sociedades em seu processo de construção e transformação, motivadas pelas exigências do presente, com o objetivo de contribuir, significativamente, para a formação de um modo crítico de pensar.

Metodologicamente, a apreensão do objeto de estudo deve dar-se por meio da relação presente-passado-presente. A partir do momento atual, interrogamos o passado, problematizando-o, para obtermos respostas para determinadas questões pelas quais nos interessamos. O passado “assume assim, uma relação ativa com o mundo em que vivemos”.²⁸⁰ Procuramos assegurar, dessa maneira, que não haja a dicotomia entre o ensino e a pesquisa, uma vez que a abordagem temática cria a possibilidade de investigação na busca da recuperação das experiências de diversos sujeitos sociais em diferentes temporalidades e espaços.

A História Temática implica recortar um tema que possa ser visto na História, não para marcar as similitudes, mas, sobretudo, para pensar as diferenças: mostrar os diferentes significados que a guerra assumiu em diferentes momentos da História; mostrar o papel da religiosidade em diversas sociedades; pensar os sentidos dos mitos de origem em momentos e culturas diversas. Enfim, a História Temática, diferente do que se poderia pensar, não abandona a cronologia, nem mesmo se põe a mostrar identidades entre as épocas ou períodos históricos, apenas propõe a problematização do presente e o recorte dos conteúdos disponíveis ao ensino.

280 PARANÁ. *Ensinar e aprender história*. n.1-2. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, Cenpec, Cultura e Ação Comunitária, 1998.

Duas questões se tornam importantes neste momento: a primeira diz respeito ao recorte. Para ensinar por temas é preciso levar a efeito o recorte na extensão dos conteúdos de História disponíveis ao ensino. O recorte pode ser simplesmente temporal, ou seja, decidir por ensinar Baixa Idade Média e não ensinar Alta Idade Média ou dar mais importância à Antiguidade Clássica e um grau menor para a Antiguidade Oriental. Mas o recorte temporal no ensino não é a base da História Temática, apesar de sempre estar presente em todo e qualquer recorte que se faça. Estamos tratando de um recorte temático, que por vezes ultrapassa os limites do tempo e propõe o ensino de questões em momentos diferentes e em espaços diferentes. Um exemplo interessante é a discussão do racismo na sociedade brasileira, na atualidade. Para tratar desse tema, o professor pode realizar um recorte temático – o racismo – e a partir daí recortar dois tempos e duas sociedades distintas para tratar da questão, o Brasil e as religiões afro-brasileiras, na primeira metade do século XX e os EUA desde a guerra de Secessão. Desse modo, o tema da discussão, que era o racismo na sociedade brasileira atual, o sistema de cotas etc., pode ser visto desde a experiência estadunidense – as lutas pelos direitos civis, os conflitos raciais – e desde a própria experiência brasileira, sobretudo no que se refere às liberdades de culto das religiões afro-brasileiras.

Essa estratégia permite que a unidade de ensino parta de um problema do presente, de uma urgência do presente – o problema das cotas étnicas – e permite igualmente que o professor trabalhe com conceitos: racismo, religiosidade e outros. Mas, sobretudo, a abordagem da experiência estadunidense e da brasileira leva os estudantes a olharem para a singularidade de cada situação histórica, marcando as diferenças e, no interior de cada história, olhando para as descontinuidades (as mudanças no modo como o Estado brasileiro tratou as religiões afro-brasileiras e as modificações legais e sociais nas questões raciais nos EUA nos séculos XIX e XX, por exemplo).

A segunda questão está ligada à quantidade de conteúdos a serem ensinados no ensino de História, na Educação Básica e a impossibilidade de dar conta de uma história total. A História ensinada ainda é bastante preocupada com a quantidade de conteúdos, sobretudo com os chamados conteúdos clássicos, como, por exemplo, “as fases da Revolução Francesa”, “os períodos da história grega” e assim por diante. O fato é que o professor da Educação Básica parece manter viva a necessidade de ensinar todos os conteúdos de História, como se tal engenho fosse possível. Essa ideia supostamente abandona o recorte teórico que cada professor, irremediavelmente, realiza ao ensinar. Um claro sintoma de que já há seleção de conteúdos no momento da escolha dos referenciais teóricos. Desde já não é possível ensinar toda a História, senão aquela que, aos olhos do professor e do conjunto de

conceitos teóricos que utiliza, é a mais adequada. Além disso, o tempo disponível jamais será o suficiente para dar conta de toda a História. Ademais, é importante mostrar ainda que a memória sobre nossa própria história nos vincula à representação da História como aquela clássica divisão da História quadripartite: História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, fazendo-nos acreditar que, ao ensinar esses quatro períodos, estaríamos ensinando toda a História.

A História Temática, além de responder ao problema da quantidade de conteúdos a serem ensinados, pois se coloca como alternativa de seleção e recorte dos mesmos, pode muito bem ser a chave que permite a compreensão da História como um processo, tarefa tão cara e difícil aos professores da Educação Básica e, desse modo, propor uma resposta ao problema acima. É justamente através do estudo de uma determinada temática, rompendo as barreiras cronológicas, sem abandoná-las, fazendo o tema emergir de uma problemática do presente, da realidade dos estudantes, que será possível historicizar a realidade vivida dos alunos, de maneira que eles próprios percebam que o seu momento vivido é resultado de lutas e escolhas do passado; além do mais, fazer os vínculos entre a História ensinada e a realidade vivida no presente poderá levar os alunos a compreenderem que o modo como pensamos no nosso presente e as questões que permeiam o nosso cotidiano têm uma história, e, por vezes, bem longa.

Apenas desse modo a relação entre a História ensinada e a história dos próprios alunos poderá aparecer inteligível e significativa. Tantas vezes os professores de História se deparam com o questionamento dos alunos sobre qual importância possui na sua vida o estudo da História, e não conseguem responder, o que leva a inferir que também para os mesmos o estudo da História pode simplesmente ser uma forma desinteressada de conhecimento. Torna-se urgente que os docentes, a sociedade e, conseqüentemente, os estudantes, possam dar um sentido imediato ao estudo da História, observando vínculos do ensinado com a sua realidade.

A História Temática é, ao mesmo tempo, uma história-problema. Ela se propõe a partir de perguntas do presente, a realizar não simplesmente uma história do passado, mas uma história do que somos no nosso tempo.

A História Temática não decorre do falso dilema de que ou se mantém em uma história cronológica e evolucionista ou se abandona de vez com a cronologia. Ora, nem a histórica cronológica precisa ser evolucionista, nem a História Temática poderá não ser diacrônica. Sagati relata que:

[...] desenvolveu-se no conjunto de atividades do processo de formação continuada PDE-2007 um trabalho com os alunos do 3º ano do Ensino Médio matutino do Colégio Estadual Pe. José de Anchieta de Apucarana-Pr. Parti-

ciparam desta atividade 30 alunos e os mesmos, ao final, emitiram por meio de questionário, um parecer sobre como perceberam o trabalho com História Temática. Feita a análise do instrumento utilizado para levantamento das impressões dos alunos a respeito da metodologia da História Temática para o ensino de História, pode-se inferir que esta se apresentou mais eficaz para a aprendizagem, pois se partiu do pressuposto que os próprios alunos consideraram mais significativa sua assimilação e compreensão do tema abordado [...].²⁸¹

A História Temática como princípio de organização curricular de História na escola básica, muito têm a contribuir para a construção de outro modo de as novas gerações olharem para a História. Trata-se de romper com uma história que habita o senso comum da nossa sociedade e que pressupõe ainda que a evolução e o progresso são linhas inexoráveis que prendem os homens em relações intermináveis de causa e efeito. Essa mesma visão de História tem julgado o passado com os olhos do presente. A História Temática quer contribuir para romper esses limites pensando as possibilidades de uma história de discontinuidades e de permanências, mas pensando, sobretudo, numa História de longa duração, que vê o presente como produto dos jogos de força do passado.

281 SAGATI, Siumara. *A abordagem temática de conteúdos como metodologia para o ensino de história no ensino médio*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/589-4.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2010.